

ARMÉNIO REGO • MIGUEL PINA E CUNHA

**JOBS
MUSK
BEZOS**

GÉNIOS INSANOS?

**Inventar o futuro
em vez de o prever**

EDIÇÕES SÍLABO

JOBS, MUSK, BEZOS

Génios Insanos?

ARMÉNIO REGO
MIGUEL PINA E CUNHA



EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, NOMEADAMENTE FOTOCÓPIA, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

Editor: Manuel Robalo

FICHA TÉCNICA:

Título: Jobs, Musk, Bezos – Génios Insanos?

Autores: Arménio Rego, Miguel Pina e Cunha

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição – Lisboa, fevereiro de 2017.

Impressão e acabamentos: Cafilesa – Soluções Gráficas. Lda.

Depósito Legal: 421816/17

ISBN: 978-972-618-880-3

EDIÇÕES SÍLABO, LDA.

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Tel.: 218130345

Fax: 218166719

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

Introdução: tampas quadradas em buracos redondos	9
Estranha-se o que depois se entranha	10
Cuidado com as falácias narrativas	11
Como o livro está organizado	13

Capítulo 1

Steve Jobs – Para o infinito e mais além

O génio insuportável e imbecil estaria na prisão se fosse vivo?	17
Tão abandonado quanto escolhido	19
Um estudante mediano entre «cromos» e <i>hippies</i>	25
«Sacana de um <i>hippie</i> com odor corporal»	27
Computadores Maçã: «Não faz qualquer sentido»	30
Um guiado por demónios, outro por anjos	33
Disputas entre titãs	34
Amizades criadas, amizades perdidas para sempre	35
O regresso do filho pródigo	40
O executivo bipolar	43
Um exigente manipulador – ou um mobilizador de talentos?	49
Sendo difícil viver <i>com</i> ele e <i>sem</i> ele, encontre-se o contraponto virtuoso	53
Regras únicas (as suas) para mudar o mundo	56

O aprendiz de feiticeiro transformado em mini Steve Jobs	62
Nunca pergunte «O que faria Steve Jobs?»	63
Comentários finais	65

Capítulo 2

Elon Musk – Insano ou tecno-utópico?

Um macho-alfa preocupado com o fim da humanidade	75
Um homem de muitos mundos	80
Milionário num ápice: a sorte dá muito trabalho	86
O proprietário de um McLaren de 1 milhão de dólares fugindo a férias que matam	88
Estranho amor	91
Realizando fantasias espaciais	95
A fantasia dos carros elétricos no meio da controvérsia	101
Elon, o abrasivo que afugenta leis	108
Choque entre titãs	111
Um insano agora mais prudente?	114
Comentários finais	119

Capítulo 3

Jeff Bezos – Inventando o futuro em vez de prevê-lo

Hematomas	127
O melhor é o pior é o melhor	132
Riscos reputacionais	134
Sombra e sol	136
Diferentes olhos ou diferentes realidades?	139
Filho de pai alcoólico, imaturo, excêntrico – e ausente	141

Brilhante desde cedo	149
A loja de tudo	151
Determinação, autoconfiança – e sorte	155
Talento e investimento	160
Frugalidade e pizzas	164
A teoria da comunicação de Bezos	170
Franqueza que destrói franqueza?	171
Esmifrando os concorrentes	176
O tamanho conta	179
A chita e a gazela	180
O «relógio do longo agora» nutrindo a paciência	181
Comentários finais	186

Capítulo 4

Juntando as peças, explicando o puzzle

Amados <i>e</i> odiados	193
O sabor amargo do <i>ketchup</i>	194
As raízes e os nutrientes da brutalidade	198
Licença para prevaricar	203
Narcisistas?	206
Grandiosidade ou vulnerabilidade?	221
O berço e a família	223
Narcisista mau, narcisista bom	228
Narcisistas humildes?	231
Narcisismo e eficácia dos líderes	234
O narcisismo floresce em bons alfobres	235
O pecado e a virtude têm sexo?	239
Comentários finais	254

Capítulo 5

Aprendendo (e desaprendendo) com os inimitáveis

Introdução	257
Bem-sucedidos <i>apesar</i> de serem (e não <i>porque</i> são) brutos	258
Amor duro	261
Mantendo os pés na terra – mesmo com a cabeça nas nuvens	263
No limiar do precipício, escapam	264
Energizados pelo propósito	265
A vida familiar – pode ser esteio, pode ser pólvora	268
O sucesso, mas sobretudo o hiper-sucesso, tem custos	271
Ilações	272
Comentários finais	276
Referências	279

Introdução: tampas quadradas em buracos redondos

«Eles são disléxicos, são autistas, têm DDA [distúrbio de déficit de atenção], são tampas quadradas em buracos redondos, irritam as pessoas, entram em discussões, entornam o caldo, riem-se na sua cara. Mas transformam as fraquezas de um modo que cria vantagem adicional (...) e procuram parcerias com pessoas que se notabilizam em áreas em que eles não têm talento».

Justine, ex-mulher de Elon Musk¹

⁽¹⁾ Veja: <http://www.quora.com/How-can-I-be-as-great-as-Bill-Gates-Steve-Jobs-Elon-Musk-and-Richard-Branson>.

Estranha-se o que depois se entranha¹

Confessamos: ao estudarmos o trio de líderes contemplado neste livro, desenvolvemos paixão pelo conhecimento das suas vidas. *Estranhamos* o seu perfil, mas *entranhamos* os meandros complexos das suas personalidades, das suas vidas e das suas empresas. Há neles um lado negro detestável. Mas há também um génio estranho que nos interpela. O livro é o fruto destes dois sentimentos. É também resultado da necessidade de, como académicos, estudiosos da liderança e formadores de executivos, partilharmos esses sentimentos com os leitores. Steve Jobs, Elon Musk e Jeff Bezos formam o trio.

Steve Jobs é um dos maiores ícones dos tempos tecnológicos modernos. Alguns idolatram-no, mesmo (ou sobretudo!) depois da sua partida para o Além. Quase todos temos dele alguma ideia formada. Somos menos os que conhecemos Elon Musk e Jeff Bezos. Musk é o visionário líder da Tesla Motors, a inovadora fabricante de automóveis elétricos. É também o líder da SpaceX, uma empresa privada de exploração do espaço. «Génio insano», Musk pretende que os humanos encontrem no espaço o lugar de refúgio perante uma eventual catástrofe terrestre. Bezos é o fundador da Amazon – através da qual alguns leitores já terão adquirido livros ou outros produtos. Bezos é ainda o energizador financeiro do «relógio do longo agora», também conhecido por «relógio dos dez mil anos»². É também fundador da Blue Origin, outra empresa exploradora do espaço, em rivalidade com a SpaceX.

Quem são estes ícones dos tempos modernos? Que infâncias tiveram? O que fizeram ao longo da vida? O que explica o gigantismo dos seus empreendimentos? Porque tantas pessoas os idolatram? Qual o lado negro dos seus estilos? E o lado brilhante? Porque são amados e odiados? Em suma: o que os une e que lições de liderança podemos extrair das suas vidas? Começemos pelo que os une. E escrevamos sobre Jobs como se ainda estivesse entre nós. Aliás, *está!*

(1) «Primeiro estranha-se, depois entranha-se»: *slogan* publicitário (que veio a ser censurado) da Coca-Cola, sugerido por Fernando Pessoa.

(2) Tweeney (2011).

O que os une, então? Os três são gênios visionários. São dotados de atributos que muitos considerarão insanos. Há neles um misto de louca genialidade e de colossal ambição inteligente. Criaram e desenvolveram negócios fabulosos. Atravessaram períodos críticos que poderiam ter ditado a morte das suas empresas. São alvo de amores e ódios. Algumas pessoas que com eles trabalham, ou trabalharam, desenvolveram ambos os sentimentos: adoram-nos e odeiam-nos. Jobs, Musk e Bezos têm histórias de vida familiar peculiares – seguramente problemáticas, mas também provavelmente nutrientes da sua estamina empreendedora.

E o que podemos aprender com eles? A determinação e a perseverança são cruciais para se singrar num mundo complexo, volátil e competitivo. Histórias de vida familiar problemática não têm que ser um *handicap* – antes podem ser um alimento dessa determinação. A liderança realiza-se com líderes e com seguidores. A resiliência é crucial para lidar com adversidades. Os desafios destes líderes foram concretizados mediante muito sofrimento – nos próprios e nos outros. Estes líderes dão mostras de um lado negro, narcisista, abusador, destituído de empatia. Mas daí não decorre que o seu sucesso provenha desse lado negro. O sucesso foi alcançado *apesar* dessa vertente sombria, ou lunar. Ou porque esse lado foi temperado, paradoxalmente, por outro lado mais positivo e sonhador.

Cuidado com as falácias narrativas

O trio «mudou o mundo» – não do modo como o fizeram Mandela ou Luther King, mas através de inovações tecnológicas que interferem nas nossas vidas. Mas é preciso ser cauto. Os líderes «mudam o mundo» porque são dotados de qualidades extraordinárias, mas também porque experimentaram circunstâncias mais ou menos propícias, e porque se rodearam de pessoas valiosas. Em retrospectiva, parece-nos fácil explicar o sucedido. Mas o mundo é mais complexo do que nós supomos ou desejávamos.

Por conseguinte, sejamos cautos para não ficarmos atolados na «falácia narrativa». Esta expressão foi proposta por Nassim Taleb¹ para descrever a tendência dos humanos para transformar realidades complexas em relatos reconfortantes, embora hiper-simplificados. A falácia impele-nos a buscar relações de causalidade («o líder X causou o resultado Y») que, embora persuasivas, não representam a realidade. Foi o próprio Bill Gates que afirmou²:

«O Steve e eu ficamos sempre com mais crédito do que merecemos, porque de outro modo a história seria demasiado complicada».

Permita-nos o leitor um desafio. Imagine-se no cimo de um prédio com dez andares. Ao olhar o chão, verá pessoas e os seus movimentos. É porventura capaz de explicar algumas ocorrências no terreno. Todavia, se se colocar dentro dum avião, a uma altitude considerável, não é capaz sequer de vislumbrar uma manifestação na Praça do Comércio em Lisboa. A complexidade do mundo é superior às nossas ambições interpretativas. Por conseguinte, sejamos modestos ao lançar a hipótese de que três seres humanos «mudaram o mundo», um globo gigante em cima do qual 7 mil milhões de pessoas respiram.

Por outro lado...! O leitor conhece porventura o efeito borboleta. A borboleta que bate as asas na Califórnia provoca um pequeno movimento numa folha de árvore. Este movimento engrena numa pequena brisa, tendo como resultado uma lufada de vento. Sucessivos deslocamentos de massas de ar, encadeados, acabam por gerar uma tempestade na Europa!

Não temos resposta definitiva para a questão de saber qual das explicações mais se compagina com a realidade. É possível que ambas sejam válidas. Provavelmente, estes líderes inimitáveis contribuíram para mudar o mundo, no que concerne ao modo como comunicamos e operamos à escala global – mas esse contributo está alicerçado e foi facilitado pela conjugação de numerosos outros fatores.

(1) Taleb (2010).

(2) *In* Schlender e Tetzeli (2015, p. 403).

Como o livro está organizado

O livro está organizado em cinco capítulos. Nos três primeiros, descrevemos cada elemento do trio de líderes – origens, experiências de infância, estilos de personalidade, eventos significativos. No quarto capítulo, discutimos semelhanças entre os perfis de personalidade dos três líderes, assim como as suas experiências familiares. Complementamos a análise com breves descrições de outros líderes – como Estée Lauder, a rainha Vitória, Larry Ellison (multimilionário fundador da Oracle), e Donald Trump, o híper-narcisista arauto da «pós-verdade», a outra face da mentira. Procuramos, desse modo, ajudar o leitor a encontrar padrões de personalidade e familiares que estão eventualmente na origem de grandes empreendimentos, nem sempre através dos meios mais recomendáveis. O último capítulo identifica «lições de liderança» que são mais linhas de reflexão do que prescrições.

1

Steve Jobs

Para o infinito e mais além

«Um empresário criativo, cuja paixão pela perfeição e determinação feroz revolucionaram seis indústrias: computadores pessoais, cinema de animação, música, telefones, computação tablet e publicação digital.»

Isaacson (2011, p. 21)

«Viveu e morreu como nasceu – meio génio meio idiota.»

Schlender e Tetzeli (2015c, p. 24)

O génio insuportável e imbecil estaria na prisão se fosse vivo?

De génio e de louco todos temos um pouco. Steve Jobs tinha muito de ambos. Na formulação dos biógrafos Schlender e Tetzeli, era «meio génio, meio idiota». Chrystia Freeland, reputada jornalista e autora de «Plutocratas», escreveu que Jobs era um «estúpido egoísta que muitas vezes tratava os empregados, a família (incluindo a filha) e os vulgares mortais (...) com desdém»!¹ Outros epítetos do mesmo teor abundam: «génio imbecil»², «génio insuportável»³, «Narciso moderno, que só se revê no espelho da sua carreira»⁴ e «megalómano»⁵.

Jim Collins descreveu-o como o Beethoven do mundo dos negócios.⁶ Jobs criou produtos desejados por milhões de consumidores, tornou-se o gestor mais icónico do início do século XXI e legou aos seus sucessores e acionistas uma empresa que, pouco depois da sua morte, tinha em caixa uns impressionantes 137 mil milhões de dólares.⁷ Aquando do seu desaparecimento, uma questão essencial era a de saber se a Apple se tornaria doravante uma empresa mais «normal»⁸. Sobre ele existe uma vasta biografia e a sua vida originou vários filmes: *Jobs* (2013), *Steve Jobs, the man in the machine* (2015) e *Steve Jobs* (2015).

Como gestor, Jobs era diferente dos outros. Quase incapaz de revelar empatia, parece ter amaciado com a idade. Mas era, digamos, brutalmente honesto, conhecido «pela sua genialidade, mas também pelo mau feitio».⁹ O seu mundo, segundo o biógrafo Walter Isaacson, era um mundo dicotómico, de bestas e bestiais. Jobs pertencia, naturalmente, à categoria dos bestiais! Neste mundo, que era o *seu* mundo,

(1) Freeland (2014, p. 84).

(2) Franco (2015, p. 35); Schlender e Tetzeli (2015c, p. 11).

(3) Ramos (2015, p. 72).

(4) Marques (2015, p. 89).

(5) In Westley e Mintzberg (1989, p. 25).

(6) In Schlender e Tetzeli (2015, p. 323).

(7) Bradshaw e McCrum (2013).

(8) Bradshaw (2013).

(9) Oliveira (2015, p. 30).

uma coisa ou uma pessoa podiam rapidamente passar de uma categoria à outra.

As suas regras eram únicas e diferentes das do mundo exterior. Aliás, Jobs atribuía-se a si próprio o direito de não cumprir regras aplicáveis ao comum dos mortais, inclusive o direito de violar a lei! Por essa razão, James Stewart perguntou-se, nas páginas do *The New York Times*, em maio de 2014: «Se Steve Jobs estivesse hoje vivo, poderia estar na prisão?»¹

A verdade é que, com as suas inúmeras idiossincrasias, Jobs «mudou o mundo», no que concerne às novas tecnologias. Compreendeu, segundo a explicação do filósofo Alain de Botton, que «a ordem presente é um indicador pouco fiável e cobarde daquilo que é possível.»² Fê-lo com «fibra»: o jovem de 21 anos que em 1977 apresentou o Apple II numa feira de computadores da costa oeste iniciava uma trajetória que, 38 anos depois, com muitos dissabores de permeio, lhe permitiu criar a mais valiosa empresa do mundo.³ Num certo sentido, Steve Jobs foi um produto de Silicon Valley. Como alguém referiu, «Tudo em Silicon Valley se baseia em defeitos de caráter que são recompensados de forma única neste sistema»⁴

Naturalmente, do ponto de vista moral, a valia destes fins não justifica os meios adotados – mesmo quando os fervorosos adeptos da Apple preferem atender aos *fins* ignorando os *meios* usados pelo seu ídolo. Mas não deixa de ser filosófica e humanamente complexa a realidade estranha que Steve Jobs era e criou. Será necessária a insanidade para ser génio? Serão precisos «defeitos de caráter» para produzir os mundos que o mundo de Jobs produziu? Responder positivamente a esta questão conduziria a um mundo *cão* que poucos leitores desejarão. Mas não podemos deixar de reconhecer as enormes qualidades de Jobs apesar dos seus grandes pecados! Nem os seus grandes pecados, apesar das suas qualidades!

(1) Stewart (2014, p. B1).

(2) De Botton (2011, p. 102).

(3) Bradshaw (2015a).

(4) Stein (2015, p. 57).

Tão abandonado quanto escolhido

Abdulfattah Jandali, filho mais novo de uma família importante da Síria, apaixonara-se por Joanne Schieble, oriunda de uma família rural do Wisconsin, EUA. O pai de Joanne era um católico fervoroso – fundamentalista como sói hoje dizer-se. Quando soube do romance, o Sr. Schieble ameaçou deserdar a filha, uma vez que Abdulfattah era muçulmano. No verão de 1954, Joanne partiu com Abdulfattah para a Síria. Quando regressaram ao Wisconsin, Joanne descobriu que estava grávida. Tinham ambos 23 anos. O pai de Joanne estava a morrer e ameaçara repudiá-la se casasse com o jovem sírio.

Quadro 1.1. Alguns marcos importantes na vida de Jobs e da Apple¹

1955	Filho de Abdulfattah Jandali e Joanne Schieble, nasceu em 24 de fevereiro, em São Francisco. Rapidamente é adotado por Paul e Clara Jobs.
1960	A família muda de São Francisco para Mountain View, cidade suburbana do condado de Santa Clara, mais conhecido como Silicon Valley.
1968	No Verão, aborda Bill Hewlett e obtém um estágio de Verão na HP.
1969	Conhece Steve Wozniak, mais velho do que ele cinco anos.
1972	Com Woz, começa a construir as suas caixas azuis que permitem fazer chamadas grátis.
1973	Faz o primeiro semestre em Reed e abandona. Começa por assistir a algumas aulas e depois junta-se a uma comuna <i>hippie</i> .
1974	Obtém o primeiro emprego na Atari.
1976	Com Woz, mostra o Apple I no Homebrew Computer Club (março). Criam com Ron Wayne a Apple Computer Inc. Começam a produzir e a vender.
1977	Steve Markkula, antigo executivo da Intel e <i>business angel</i> , investe na Apple. Contrata o seu ex-colega Mike Scott como CEO. Woz sai da HP e começa a trabalhar na Apple a tempo inteiro.
1978	A antiga namorada, Chris-Ann Brennan, dá à luz a filha de ambos, Lisa. Jobs não reconhece a paternidade. A Apple lança o Apple II. As vendas são significativas.
1979	Lança o Apple III, com vendas desastrosas.

⁽¹⁾ Adaptado de B. Stone (2013c).

1980	A Apple torna-se cotada. A riqueza de Jobs ascende a mais de 200 milhões de dólares.
1983	John Sculley torna-se CEO.
1985	Steve Jobs abandona a Apple e cria a NeXT.
1986	Compra a divisão de computadores da empresa de George Lucas, rebatizada mais tarde como Pixar.
1989	Nomeado empresário do ano pela revista Inc.
1991	Casa com Laurene Powell e têm o primeiro filho, Reed.
1995	Lançamento do filme Toy Story. Nasce a sua filha Erin.
1996	Completa-se o acordo Disney-Pixar.
1996	Nomeado «conselheiro informal» da Apple.
1997	Nomeado CEO interino da Apple.
1998	Nasce Eve Jobs. A Apple regressa aos lucros.
2001	Apresenta o iPod.
2004	Primeiras notícias sobre o seu cancro.
2005	Faz o seu famoso discurso em Stanford (veja parcela nos Destaques 1.1 e 1.6).
2007	Apresenta o iPhone.
2009	Faz uma operação de transplante do fígado.
2010	Vendas do iPad atingem os 15 milhões de unidades.
2011	Morre a 5 de outubro, em casa, rodeado da família.

Joanne acabou por sucumbir às pressões do pai. Eis o que Abdulfattah Jandali afirmou numa entrevista¹:

«Eu estava verdadeiramente apaixonado por Joanne. Mas, infelizmente, o seu pai era um tirano e proibiu-a de casar comigo, por eu ser sírio. Por isso, ela disse-me que queria entregar o filho para adoção (...). Sem me informar, Joanne foi para São Francisco para ter o bebé, sem dizer nada a ninguém, inclusive a mim (...). Ela não queria envergonhar a família e pensou que essa era a melhor opção para todos».

(¹) *New York Post*, em 27 de agosto de 2011 (<http://nypost.com/2011/08/27/dad-waits-for-jobs-to-iphone/>).

Em 1955, Joanne foi acolhida por um médico de São Francisco que abrigava mães solteiras e que discretamente tratava das adoções dos enjeitados. Joanne colocou a condição de o filho ser adotado por uma família com formação universitária. O processo estava encaminhado para que a criança fosse entregue à família de um advogado. Todavia, quando o rapaz nasceu, a 24 de fevereiro de 1955, o casal decidiu que queria uma filha, pelo que o processo de adoção foi anulado. O bebé foi então entregue a Steve e Clara Jobs, sendo ele um apaixonado por mecânica que não chegara a terminar o liceu. Os Jobs viviam no Vale de Santa Clara, Califórnia, que viria a tornar-se mais conhecido como Silicon Valley.

O casal deu ao filho o nome de Steven Paul Jobs. Quando Joanne soube do ocorrido, recusou assinar os documentos de adoção até o casal formalizar a promessa de criar um fundo para que Steven pudesse fazer a universidade. Em retrospectiva, Joanne refere que procurou protelar a decisão porque tencionava casar com Abdulfattah após a morte de seu pai. O facto é que o pai «tirano»¹ morreu em agosto de 1955, algumas semanas após a conclusão da adoção. Joanne e Abdulfattah casaram nesse Natal. Tiveram outra filha, Mona, e divorciaram-se em 1962. Apenas muitos anos mais tarde, Steve viria a conhecer a sua família biológica. Jobs descobriu Mona, novelista bem-sucedida, apenas quando já tinha 27 anos, tendo-a descrito como «uma das minhas melhores amigas no mundo»²

Destaque 1.1. Ligando pontos para conferir sentido à vida

Num discurso proferido na Universidade de Stanford, em 12 de junho de 2005³, Jobs relatou três histórias. A primeira, denominada «como ligar os pontos», parece representar uma necessidade de formar sentido da vida. Eis um excerto:

(1) *The Telegraph*, October 6, 2011 (<http://www.telegraph.co.uk/technology/steve-jobs/8811345/Steve-Jobs-adopted-child-who-never-met-his-biological-father.html>).

(2) *The Telegraph*, October 6, 2011 (<http://www.telegraph.co.uk/technology/steve-jobs/8811345/Steve-Jobs-adopted-child-who-never-met-his-biological-father.html>).

(3) <http://news.stanford.edu/news/2005/june15/jobs-061505.html>.

«Abandonei o Reed College após um semestre, mas continuei a assistir a algumas aulas por mais 18 meses, antes de desistir definitivamente. Porque desisti? Tudo começou antes de eu nascer. A minha mãe biológica era jovem e não era casada; estava a fazer o doutoramento e decidi que me ofereceria para adoção. Estava determinada a encontrar pais adotivos que tivessem educação superior, e por isso, quando nasci, as coisas estavam preparadas para que eu fosse adotado por um advogado e sua mulher. Mas eles acabaram por decidir que preferiam uma menina. Assim, os meus pais, que estavam numa lista de espera, receberam um telefonema em plena madrugada: 'Temos um menino inesperado aqui; querem-no?'. Os dois responderam: 'claro que sim'. A minha mãe biológica descobriu mais tarde que a minha mãe adotiva não tinha diploma universitário e que o meu pai nem sequer tinha diploma de segundo grau. Por isso, recusou-se a assinar o documento final de adoção durante alguns meses, e só mudou de ideias quando eles prometeram que eu faria um curso superior.

Assim, 17 anos mais tarde, foi o que fiz. Mas ingenuamente escolhi uma faculdade quase tão cara quanto Stanford, e por isso todas as economias dos meus pais, que não eram ricos, foram gastas para pagar os meus estudos. Passados seis meses, eu não via valor em nada do que aprendia. Não sabia o que queria fazer da minha vida e não entendia como uma faculdade poderia ajudar-me. E lá estava eu, gastando as economias de uma vida inteira. Por isso, decidi desistir, confiando em que as coisas se resolveriam. Admito que fiquei assustado. Mas, em retrospectiva, foi uma das minhas melhores decisões. Bastou largar o curso para que eu deixasse de assistir às aulas chatas e só assistisse às que me interessavam.

Nem tudo era romântico. Eu não era aluno e, portanto, não tinha quarto; dormia no chão dos quartos dos colegas; vendia garrafas vazias de refrigerante para conseguir dinheiro; e caminhava 11 quilómetros em cada noite de domingo porque um templo Hare Krishna oferecia uma refeição gratuita. Eu adorava a minha vida, então. E boa parte daquilo em que tropecei seguindo a minha curiosidade e intuição mostrou-se valioso mais tarde».

Steve Jobs soube sempre que fora adotado. Recordava que seus pais adotivos, Paul e Clara (que também se divorciaram em 1962), falavam abertamente sobre o assunto. Descrevia-os como «meus pais a 1000 por cento». Em contrapartida, a sua descrição dos pais biológicos era desassombrada: «Eles foram o meu banco de esperma e de óvulos – isto não é ser duro, é apenas o que aconteceu, uma coisa de banco de esperma, nada mais.»¹

A relação de Steve Jobs com esta faceta do seu passado parece contraditória. Amigos referem que o facto de ter sido adotado lhe provocou «cicatrizes». Greg Calhoun, amigo próximo, refere que o abandono o fez sofrer. E o próprio Jobs recordava que havia sido confrontado com a sua condição quando, pelos seis ou sete anos, uma rapariga que vivia do outro lado da rua o interpelou: tê-lo-iam enjeitado os pais biológicos? Jobs sentiu a dor: «Oooh! Senti faíscas a rebentarem-me dentro da cabeça (...). Lembro-me de correr para casa, a chorar»².
Perante o drama interior, os seus pais confortaram-no:

«‘Não, tens de perceber’. Falaram comigo muito sérios, olharam-me nos olhos. Disseram: ‘nós escolhemos-te a ti.’ Os dois, o meu pai e a minha mãe, disseram a mesma coisa e repetiram-na muito devagar. E sublinharam cada palavra dessa frase.»³

Jobs era, assim, simultaneamente abandonado e escolhido. Mas ter sido escolhido não apaga o facto de ter sido abandonado. Os seus amigos referem que o reconhecimento desta circunstância o ajudou a tornar-se independente. Chrisann Bresnan, sua ex-namorada e mãe de uma filha sua, Lisa, afirmou que o facto de Jobs ter sido dado para adoção deixou-o «feito em cacos». Mas os mesmos cacos foram gerados pelo próprio Steve Jobs! Lisa, a filha de ambos, apenas foi reconhecida por Jobs quando este tinha 23 anos, precisamente a idade de seu pai biológico quando o abandonara.

(1) Isaacson (2011, p. 28).

(2) Isaacson (2011).

(3) Isaacson (2011, p. 27).



Lisa Brennan-Jobs, a filha que Jobs inicialmente não reconheceu.¹

Um colaborador próximo de Jobs na Apple, Andy Hertzfeld, referiu que a sua falta de autocontrolo emocional, assim como a crueldade que sistematicamente expressava mesmo em relação àqueles que lhe eram próximos, seriam justamente o fruto do trauma do abandono sentido. Jobs rejeitava esta leitura da realidade. Argumentava que a adoção o fez sentir-se mais independente, mas não abandonado.

⁽¹⁾ Autor: Lisa Brennan-Jobs. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lisa_Brennan-Jobs.jpg. Licensed under the Creative Commons Attribution 3.0 Unported license.

Arménio Rego é professor catedrático convidado na Católica Porto Business School. Autor ou coautor de diversos livros nas áreas da liderança e da gestão de pessoas. Tem realizado formação, *coaching* e consultoria nas mesmas áreas. Publicou em revistas como *Human Relations*, *Journal Management*, *Journal of Business Ethics*, *Journal of Business Research*, *Journal of Occupational Health Psychology* e *The Leadership Quarterly*. Com trabalhos de investigação premiados em Portugal e no estrangeiro, a APG considerou-o, em 2014, uma das 25 pessoas mais influentes da gestão de pessoas em Portugal.

Miguel Pina e Cunha é professor catedrático na Nova School of Business and Economics. Tem investigado processos organizacionais positivos e negativos. Faz ou fez parte dos corpos editoriais de revistas como *Management Learning*, *Organization Studies* e *Strategic Entrepreneurship Journal*. É autor ou coautor de mais de quarenta livros nas áreas das organizações e da gestão. Colaborou, entre outras, com a LUISS (Roma), Mediterranean School of Business (Tunis) e Universidad de Los Andes (Bogotá). Na sua escola foi diretor da licenciatura e do mestrado em gestão, diretor do MBA, subdiretor e presidente do conselho científico. Em 2014 a APG considerou-o uma das 25 pessoas mais influentes da gestão de pessoas em Portugal.

Steve Jobs foi o fundador e líder da Apple. Continua a ser idolatrado, nem sempre pelas melhores razões. Elon Musk é o líder da Tesla Motors e da SpaceX, ambiciona criar condições no espaço para refúgio dos humanos no caso de a Terra se tornar inabitável. Jeff Bezos é o fundador e líder da Amazon, o «armazém de tudo».

Quem são estas figuras inimitáveis? De onde provém o sucesso? O que fizeram ao longo da vida? O que explica o gigantismo dos seus empreendimentos? Porque estiveram no fio da navalha? A que se deve o seu lado negro? Em que medida as suas experiências familiares podem explicar o seu perfil? O que podemos aprender com eles?

Este livro é uma viagem pelos meandros tão fantásticos quanto controversos destes homens, com paragens para observar e tentar compreender os perfis de tantos outros líderes.

JOBS MUSK BEZOS

GÉNIOS INSANOS?

